

A SIGLA
DE
NUNO GONÇALVES

POR

ARMANDO DE SOUZA GOMES

(ARMANDO LASSANCY)

(Separata de "Arqueologia e História" — Vol. VI, Publicação
da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

1928
IMPRESA LIMITADA
MARIANOS, 6
LISBOA

Bibliothèque Maison de l'Orient



150032

As (Mantos dos mestres da critica d'Arte,

R. x. ^a VIII/928

homenagem de
Bernard Souza Gomes

A SIGLA DE NUNO GONÇALVES

Prometera, no meu último artigo, publicado na revista «Brasões e Genealogias» (1.^a série-t. III-VI), tratar do autor do «políptico da evocação da Rainha D. Isabel, mulher del-Rei D. Afonso V», o que considero como o terceiro ponto de vista em que divido o estudo das táboas quatrocentistas que tanta discussão têm levantado.

Nos artigos anteriores já expendera a opinião de que as pinturas revelam um carácter acentuadamente semita, despido da exteriorização cristã que estamos acostumados a vêr em quadros sacros. Ainda que não apercebido pelas pessoas que têm estudado os painéis, tem sido esse o principal escolho para a interpretação e identificação das pinturas. Assim, a muitos repugna aceitar a interpretação dada por nós do «painel dos apóstolos» e o das «ordens militares», por não verem os santos com os seus atributos próprios e os cavaleiros com os mantos e cruces.

A achega de hoje é a presumível decifração da sigla que se vê na bota que D. Afonso V calça no pé direito.

Aceito como bom, e assim já o dava a entender no meu último artigo, que tivesse sido Nuno Gonçalves o autor dos painéis. Focados estes na sua devida época — 1464/66 — e havendo conhecimento, por Francisco de Holanda, dos talentos de Nuno Gonçalves, que Sousa Viterbo provou ser do reinado de D. Afonso V, pela documentação que encontrou a seu respeito na Tórre do Tombo, acrescido com os documentos encontrados pelo Dr. Vergilio Correia no Arquivo da Câ-

mara Municipal de Lisboa e publicados no fascículo I do *Boletim de Arte e Arqueologia*; sabendo-se, portanto, de fontes incontrovertidas que ele vivera na data da factura das táboas; e dada a grandeza da obra e a circunstância de nitidamente uma das iniciais que constitem a sigla ser um G, não se conclui mal, antes mesmo de outra prova mais forte, que o artista que pintou o políptico seja Nuno Gonçalves. Desacertado seria querer que tendo Nuno Gonçalves pintado o retábulo de S. Vicente, fatalmente os painéis em questão fôsem os que estavam nêsse retábulo, o que levaria a admitir que êsse pintor só tivesse pintado os dois trabalhos a que se refere Francisco de Holanda. Já se disse que os painéis deveriam ter sido escondidos algum tempo depois da sua execução, pelo motivo de não representarem uma scena cristã.

É a sigla constituída por duas letras, a que parece um N maiúsculo voltado ao contrário dentro da curva superior dum gótico G, também



A SIGLA DE NUNO GONÇALVES



N HEBRAICO

maiúsculo. E nada mais. O resto que se tem querido encontrar de s, l, u, v e z, ou a data, são fantasias sugeridas pelos efeitos do sombreado das manchas da tinta.

Consultando o índice do Registo da Freguesia da Sé (1563-1710), da colecção dos registos paroquiais de Lisboa editada pela Academia das Ciências sob a direcção de Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, a minha atenção foi despertada para, na parte referente a officios, a rubrica Judeu, marcando as páginas 233 e 346. Na pág. 233 está o re-

gisto de baptismo dum «*dom nuno da silva fr^{co} q̄ era judeu de sinal*»; e na pág. 346 está o registo de baptismo de um indivíduo em que o único padrinho é Nuno Barbudo, abrindo assim: «*Aos 14 destes Fev^o de 94 foi segunda feira depois da queima dos Judeus baptisei*», onde vejo que esta citação tivesse sido, talvez, pelo facto do padrinho ser judeu, pois que é de notar que em milhares de nomes só exista a referênciã a judeus quando se alude a Nunos. Aguçada assim a minha curiosidade para o nome de Nuno, verifiquei que em cêrca de 20:000 nomes inscritos nos registos da igreja romana da Sé só existem uns 30 Nunos. E no Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo, da mesma edição, obra que foi publicada primeiro do que aquella pelos mesmos escritores Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, que regista os assentos de 1536 a 1628, em mais de 3:000 nomes só se apanham 3 Nunos, e sendo um dêstes o baptismo dum engeitado. Em compensação, o índice da chancelaria de D. Afonso V (1438-1481) regista uns 400 Nunos. Se compararmos no mesmo índice um nome cristão, por exemplo António, com o nome retintamente israelita Abrahão, vêmos que apenas se encontram mencionados uns 60 Antónios, ao passo que Abrahão aparece citado umas 200 vezes, o qual não se encontra nos referidos registos cristãos. E também devemos notar que o nome António nos registos parochiais está registado com mais de 1:000 e 100 citações respectivamente em cada uma das freguesias.

E o reinado de D. Afonso V, indubitavelmente, aquelle em que os judeus tiveram maior preponderância em Portugal.

Parecendo-me que não estava em presença dum nome cristão, procurei averiguar a sua proveniência. Recorri à Bíblia que, no seu capítulo 7 das I Crónicas, quando trata dos descendentes de Manassés, no versículo 27, diz «*Seu filho Nun*».

Assente que estava em presença dum nome hebraico, fácil foi decifrar a sigla.

A letra N tem a sua correspondente no idioma semita, que no alfabeto antigo se escrevia em tudo semelhante à letra que se vê dentro da curva do G. Acresce ainda que o valor em hebraico dessa letra é exactamente Nun, o nome do pintor. O que é mais natural é que o artista empregasse as duas letras iniciais do nome e apelido.

É de presumir, pois, que a sigla represente o nome de Nuno Gonçalves, judeu, pintor régio que foi de D. Afonso V.

Não é de admirar o capricho do pintor, sabido como é a variedade

de siglas e anagramas que se encontram tanto em artistas antigos como modernos,

No *fac-simile* da sigla que acompanha este artigo completou-se a perna final do N, que nitidamente se vê no painel estar incompleta, pois que existe o sulco onde a tinta estava e que se nota bem nas reproduções fotográficas, além do que ficou dessa perna mostrar não ter uma terminação completa.